



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO LICENCIATURA EM DANÇA

ELIS REGINA SANTOS MOURA EPIFÂNIO

DANÇA DO VENTRE DE FUSÃO: Contribuições do Projeto de Extensão
Poética da Dança Tribal na instrução em dança.

MACEIÓ - AL
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES- ICHCA
LICENCIATURA EM DANÇA

DANÇA DO VENTRE DE FUSÃO: Contribuições do Projeto de Extensão
Poética da Dança Tribal na instrução em dança.

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
para obtenção de título de Graduada em
Licenciatura em Dança pela Universidade
Federal de Alagoas.
Orientadora: DR^a ANA CLARA SANTOS
OLIVEIRA

MACEIÓ - AL
2023

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Setorial do Espaço Cultural
Divisão de Tratamento Técnico
Valdir Batista Pinto – CRB - 4 - 1588

E64d Epifânio, Elis Regina Santos Moura.

Dança do ventre de fusão: contribuições do projeto de extensão poética da dança tribal na instrução em dança / Elis Regina Santos Moura Epifânio – 2023.

37 f. :il.

Orientador: Ana Clara Santos Oliveira.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Dança) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas Comunicação e Artes Maceió.

Bibliografia: f. 37

1. Arte do movimento. 2. Dança tribal. 3. Dança do ventre de fusão.
I. Título.

CDU: 793.3

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial deste artigo, desde que citada a fonte.



Documento assinado digitalmente
ELIS REGINA SANTOS MOURA EPIFANIO
Data: 28/03/2024 17:49:53-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

27 de março de 2024.

Assinatura



Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes
Curso de Licenciatura em Dança

**ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO –
TCC**

Aos 23 dias do mês de outubro do ano de 2023, às 14 horas, realizou-se, em plataforma de webconferência, a sessão de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, intitulado Dança do Ventre de Fusão: contribuições do Projeto de Extensão Poética da Dança Tribal na formação em dança, da aluna Elis Regina Santos Moura Epifânio, do Curso de Dança/Licenciatura como parte dos requisitos para conclusão do Curso. A Banca composta por:

Profa. Ma. Camila Silva Saraiva – Membro Interno

Profa. Ma. Risia Carine Maciel Meira Schwartz Lessa – Membro Externo

Profa. Dra. Ana Clara Santos Oliveira – Orientadora

Após arguir a aluna deliberou-se: Aprovar o Trabalho de Conclusão de Curso TCC, atribuindo-lhe nota 9,0.

Assinatura dos componentes da Banca:

Documento assinado digitalmente
gov.br CAMILA SILVA SARAIVA
Data: 24/10/2023 08:14:05-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Membro Interno

Documento assinado digitalmente
gov.br RISIA CARINE MACIEL MEIRA SCHWARTZ LESSA
Data: 07/11/2023 08:05:06-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Membro Externo

Documento assinado digitalmente
gov.br ANA CLARA SANTOS OLIVEIRA
Data: 23/10/2023 16:03:46-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Orientadora

AGRADECIMENTOS

À Deus, por ter me guiado e auxiliado nesta longa jornada, me apresentando de diversas formas o quanto essa escolha seria importante para minha vida, e que mesmo passando por momentos de angústias, desânimos, pequenas pausas e perdas, o Senhor esteve ao meu lado. Este é o momento em que meu sonho de infância de torna realidade. Obrigada, Senhor!

Aos meus pais, Luiza e Josivaldo, pois em sua simplicidade sempre me incentivaram e me deram oportunidades para continuar na instrução acadêmica.

Aos meus filhos, Thácila e Thales, que são as pessoas mais importantes da minha vida e é por vocês que busco sempre o meu melhor a cada dia.

Ao meu cônjuge, Jailton, que sempre me apoiou e esteve junto comigo nesta caminhada, se fazendo presente mesmo quando em lugares distantes, em outras capitais do nosso país e correndo em seu caminhão ao meu encontro.

Aos professores do curso de licenciatura em dança -UFAL e do curso técnico de dança -ETA/UFAL, por sua dedicação e compreensão. Obrigada!

À Ana Clara, minha professora e madrinha, muito obrigada por me apresentar o estilo de dança que mudaria meus caminhos. Pelo convite para compor como dançarina à Zambak Cia de Dança Tribal, a primeira companhia de dança no estilo de dança do ventre de fusão em Alagoas. Gratidão!

Aos meus amigos de curso, Diego, Jack, Mall e Manu, pela amizade, pelo apoio, pelos momentos de alegrias e de superação que passamos juntos. Irmãos que a vida acadêmica me presenteou. Muito obrigada por tudo.

Às minhas amigas e companheiras de dança, Camille, Janna, Leeh, por todo compartilhamento e vivências que tivemos enquanto dançarinas e mulheres que cuidam uma da outra, mantendo nossa amizade para além dos palcos.

Ao Studio de Dança Jayson França, nas pessoas de Jayson e Manu, pela oportunidade de aprendizado e evolução na dança de salão.

Agradeço às pessoas queridas que estiveram presentes por todo esse caminho de formação, que me ajudaram a me desenvolver profissionalmente, como pessoa e como mulher. Jamais poderia esquecer de citar minha sogra, Arlete (in memoriam), por sua força e pelos momentos que esteve comigo.

Sou grata às pessoas que passaram em minha vida e deixaram um pouco de si como registro de sua amizade, ainda que a distância seja geograficamente nítida, os encontros pessoais são marcados por muitas risadas, café e muita dança.

GRATIDÃO!

DANÇA DO VENTRE DE FUSÃO: contribuições do projeto de extensão “Poética da dança tribal” na instrução em dança.

Elis Regina Santos Moura Epifânio

RESUMO: A dança do ventre de fusão, de maneira geral, chamada de dança tribal, é uma transformação de técnicas e elementos conceituais de diferentes culturas numa estética plural em constante atualização. Partindo da ideia de que a dança do ventre de fusão é um local de potencialidades criativas e educativas, apresenta-se como objeto de estudo o projeto de extensão “Poética da dança tribal”, da Escola Técnica de Artes, Universidade Federal de Alagoas (UFAL). O presente trabalho busca reconhecer as ações pedagógicas e artísticas em dança do ventre de fusão no âmbito dessa extensão universitária, entre os anos de 2015 e 2018, analisando relatório produzido pela autora. Para tanto, este estudo de natureza qualitativa, combina revisão bibliográfica e apontamentos sobre aulas e laboratórios de movimento que possibilitaram colaborações no entendimento da dança enquanto área promotora de saberes. Os resultados apontam a importância do projeto “Poética da dança tribal” na instrumentalização profissional em dança, bem como o seu compromisso com a comunidade externa do estado de Alagoas, dedicando-se no exercício da dança junto as dimensões sociais, ética, política e cultural.

Palavras-chave: Dança do ventre de fusão. Dança tribal. Extensão universitária. Formação.

ABSTRACT

RESUMEN: La danza del vientre fusión, generalmente llamada danza tribal, es una transformación de técnicas y elementos conceptuales de diferentes culturas hacia una estética plural y en constante actualización. Partiendo de la idea de que la danza del vientre fusión es un lugar de potencialidad creativa y educativa, se presenta como objeto de estudio el proyecto de extensión “Poéticas de la danza tribal”, de la Escuela Técnica de Artes de la Universidad Federal de Alagoas (UFAL). En este sentido, el presente trabajo busca reconocer las acciones pedagógicas y artísticas en danza del vientre fusión en el ámbito de esta extensión universitaria, entre los años 2015 y 2018. A partir de esta información, cabe preguntarse: ¿qué tipos de procedimientos metodológicos testimonian ¿Elementos relevantes en la formación de la danza? Para ello, este estudio cualitativo combina una revisión bibliográfica y apuntes sobre clases y laboratorios de movimiento que permitieron colaboraciones en la comprensión de la danza como un área promotora del conocimiento. Los resultados apuntan a la importancia del proyecto “Poética de la Danza Tribal” en la formación profesional de la danza, así como su compromiso con la comunidad externa del estado de Alagoas, dedicándose al ejercicio de la danza en los planos social, ético, político y dimensiones culturales.

Palabras clave: Danza del vientre fusión. Danza tribal. Extensión Universitaria.

INTRODUÇÃO

O estilo¹ de dança tribal, amplamente reposicionado, como dança do ventre de fusão possuiu os seus começos na década de 1960, nos Estados Unidos, a partir da dançarina Jamila Salimpour. Juntamente com o seu grupo *Bal Anat*, Jamila incorporou referências, a exemplo, de danças do Oriente Médio e do Norte da África, desenhando uma nova estética de dança oriental. A datar dessa época, pode-se notar modificações técnicas e conceituais, assim como o surgimento de problemáticas em torno de assuntos estruturais como a nomenclatura, a definição e os modos de fazer a dança. Na atualidade, entende-se a acunhada dança tribal, em suas múltiplas vertentes, como uma reelaboração da dança do ventre que, por sua vez, é mundializada, híbrida e repleta de imaginários ocidentais. A abrangência da dança do ventre de fusão é tão vasta que agrega danças sob influência das manifestações culturais de povos MENATH² (Oriente Médio, Norte da África, Turquia e culturas helenísticas), podendo estender para as danças indianas, o flamenco, abordagens modernas, urbanas e contemporâneas, a depender da proposta de ensino e pesquisa de cada pessoa que dança.

O presente trabalho de conclusão de curso, em formato de artigo, tem como objetivo geral reconhecer as ações pedagógicas e artísticas em dança do ventre de fusão no projeto de extensão “Poética da Dança Tribal”, da Escola Técnica de Artes³(ETA), Universidade Federal de Alagoas (UFAL) entre os anos de 2015 a 2018. Neste sentido, a pergunta central deste estudo é: Quais os procedimentos metodológicos que testemunham os elementos relevantes na instrução em dança? Para responder esta pergunta, utilizou-se como aporte teórico as seguintes pessoas autores, Katz (2006); Zuliani (2015); Andrade (2011); Kilma Farias (2017); autores do livro Oriente-se em questão (2023) como Ana Clara Oliveira e Caíque Melo; na obra Praxis (2022) as autoras Ana Terra de Leon, Oliveira e Melo; na obra Mulheres em cena (2019) com Oliveira, entre outros que serão apresentados ao longo deste trabalho que abordam assuntos sobre dança tribal; fusões e demais assuntos pertinentes a este pesquisa. Além disso, este estudo qualitativo, respaldou-se na definição de pesquisa formativa como uma ferramenta de processo de ensino-aprendizagem com informações em relatório que foi confeccionado durante a participação da autora no projeto de extensão “Poética da dança tribal”.

Desta maneira, o artigo será dividido em quatro sessões. Na primeira, apresentaremos um breve contexto histórico da dança do ventre de fusões; na

¹ Estilo: em seu artigo sobre estilo, Meyer Schapiro caracteriza “estilo” como “a forma constante – e, algumas vezes, os elementos, as qualidades e as expressões constantes – na arte de um indivíduo ou grupo” (SCHAPIRO, 1962, p. 278).

² Disponível em: <https://donnainthedance.com/gathering-at-the-delta/>. Acesso em: 21 de set. 2023.

³ A Escola Técnica de Artes é uma instituição de ensino técnico profissionalizante vinculada à Universidade Federal de Alagoas (UFAL), situada em Maceió (AL). Disponível em: <https://eta.ufal.br/institucional/sobre-a-escola-1>. Acesso em: 03 de out. 2023.

segunda, analisaremos os procedimentos utilizados no Projeto de Extensão Poética em Dança Tribal; na terceira iremos relatar a vivência artística (Zambak Cia de Dança Tribal); na quarta e última sessão faremos as considerações finais apresentando as contribuições da pesquisa.

1. A SEMENTE DA DANÇA TRIBAL

As literaturas apresentam que a semente do que hoje chamamos de estilo tribal de dança do ventre, ou apenas estilo tribal ou dança tribal, surgiu com a dançarina estadunidense Jamila Salimpour (1926-2017), que propôs uma estética de movimentos e vestimentas que unia seus conhecimentos sobre as danças do Oriente Médio. As frases e nomes originais de Jamila para movimentos de dança como *Turkish Drop*, *Maya* e *Basic Egyptian* foram o início de um longo processo para adicionar estrutura e definição à arte da dança do ventre e tribal.

“Dança Tribal é uma linguagem que, tendo como referência a dança do ventre, mescla conceitos e movimentos de danças étnicas como o flamenco, a dança indiana, as danças urbanas, ou seja, danças de diferentes culturas e regiões do mundo. É relativamente recente no mundo da dança, encontramos registros que datam seu surgimento em torno da década de 60, na Califórnia, durante os movimentos contraculturas do, mas bebe na fonte de diversas culturas antigas e mistura tudo numa alquimia contemporânea”. (ANDRADE, 2011, p. 13).

A Dança Tribal, nome inicialmente empregado no meio artístico, surgiu na década de 60, nos Estados Unidos, Califórnia, a partir de técnicas de danças adquiridas pela coreógrafa Jamila Salimpour, historicamente conhecida por ter principiado a dança do ventre de fusões e estreado a primeira companhia de dança do ventre nessa nova configuração, o grupo *Bal Anat*⁴, que é considerado vanguardista no “estilo tribal”, utilizando em suas apresentações uma dança e figurinos com características versáteis, que são oriundos de uma variedade de estilizações, regiões e períodos distintos. Criou um estilo onde unia movimentos de danças folclóricas de países como Marrocos, Argélia, Líbia e Egito, criando uma vertente de dança do ventre fusionada com danças do Oriente Médio. Para Oliveira (2019) a Dança Tribal é compreendida como uma dança étnica de fusão e hibridação, comumente vista como grupo, fazendo menção a definição de grupo ou comunidade. A hibridação é hoje o destino do corpo que dança, um resultado de tantas exigências da criação coreográfica, como da elaboração de sua própria formação (LOUPPE, 2000, P. 13).

⁴ *Bal Anat* – Trupe cujo nome significa “Dança da Deusa Mãe”, surgiu na década de 70 com coreografias que agrega elementos de Dança Oriental e Folclóricas, mantendo a Dança do Ventre como base, adicionando objetos como máscaras, espadas, jarros e também cobras em suas apresentações.

Podemos afirmar que a dança tribal é resultante de uma hibridação a partir de movimentos de danças dissemelhantes que se fundem, mantendo a dança do ventre como eixo central e assim gerando novas possibilidades. Vejamos, na perspectiva de Zuliani (2015):

“Uma hibridação acontece justamente na fusão das naturezas. Elas, então, necessariamente existem em planos de imanência distintos. É na diferença que a hibridação pode gerar conflito e produtividade. A improvisação, neste sentido, é uma prática facilitadora no encontro de caminhos nos quais essas práticas podem hibridizar-se, pois propicia um espaço de experimentação por associações efetivas do corpo. Porém, não são caminhos totalmente fluídos e nem devem sê-los, as investigações processuais existem para que as relações de conflitos possam ser resolvidas e as relações de produtividade evoluídas. A fluidez surge com a experiência e com o crescimento. Assim, o choque existe, pois são práticas corporais diferentes, mas que necessariamente dessas tensões das diferenças é que novas linguagens híbridas podem emergir.” (ZULIANI, 2015, pp.114-115)

Aluna de Jamila Salimpour, Masha Ascher passou a ministrar aulas e continuou com as apresentações em feiras e locais mais amplos, junto com sua aluna Carolena Nericcio, que mais tarde seria responsável pela criação de um método na dança tribal.

Nas pesquisas de Melo (2023) apontam que na historiografia da dança “*tribal fusion*” carrega uma descendência entre professoras e alunas, tecendo assim variações em relação aos aspectos da dança do ventre e do campo que estava surgindo. Revelando que

“Nesse fluxo de contaminações artísticas, uma das estudantes de Jamila Salimpour, Masha Ascher, e o seu grupo *San Francisco Classic Dance Troupe* passaram a se apresentar em outros espaços para além das feiras e bares. Com ambientes diferentes, agora também em palcos, os formatos de apresentações buscam apresentar habilidades artísticas e criativas que Masha estava propondo. Longe de dissociar dos conhecimentos partilhados por Jamila, Masha dá continuidade às proposições criativas a partir daquilo que a *corpou*”. (MELO, 2023, p. 78).

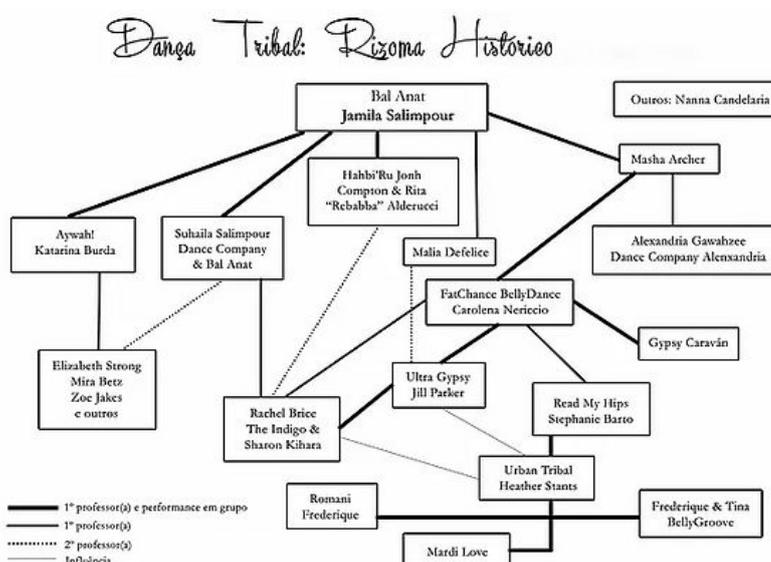
Entendendo que com Masha as apresentações ganharam novos espaços, novos ambientes, adicionando sua percepção e práticas em sua dança, promovendo variações nos figurinos utilizados e em suas composições coreográficas, com movimentos sincronizados, reforçando o sentido de tribo, estimulando o empoderando entre os membros (VASCONCELOS, 2019).

As mudanças realizadas por Masha foram o caminho para o método de improvisação que surgiria sob a visão da personagem importante à dança tribal, Carolena Nericcio, que foi aluna de Masha Archer por um longo período, é destaque na história da dança tribal por ter sido fundadora da FatChanceBellyDance® e criadora do grupo que carrega o mesmo nome do fenômeno mundial de dança

conhecido como FCBD®Style (anteriormente *American Tribal Style*®), sistematizando os princípios da dança tribal, com movimentos que possuem senhas, códigos de movimentos, uma improvisação coordenada que possibilitam a dança em grupo sem que haja um ensaio prévio, há apenas movimentos que são “senhas” para identificar o que será executado logo em seguida em sequência coreográfica.

Nos anos seguintes, a dança tribal ganha visibilidade e surgem vários grupos tornando o estilo de dança tribal conhecido em diversas partes do mundo, o que gerou o que Andrade⁵ (2011) afirma ser um encontro e contaminações culturais possibilitam transformações mais complexas à mistura que já existe, como é apresentado na figura abaixo.

Figura 1. Mapa conceitual “Dança Tribal: Rizoma Histórico”



Fonte: Joline Andrade⁶

No Brasil, em 2001, temos a pioneira na divulgação do estilo de dança tribal, a dançarina Shaide Halim, conhecida como uma das primeiras a adaptar a dança tribal americana com as danças brasileiras. No Nordeste, o destaque é Kilma Farias⁷, que uniu o que já conhecia por *Dança Tribal Fusion* com alguns estilos de dança populares brasileiras, como as danças de orixás de matriz africana e com o

⁵ Joline Andrade: Joline Andrade (Salvador, Bahia, Brasil), é bailarina, coreógrafa, professora, produtora e pesquisadora na área da dança. É formada em licenciatura em Dança e no Curso de Dançarino Profissional pela Universidade Federal da Bahia. Em 2011 concluiu o Curso de Pós-Graduação (Especialização) em Estudos Contemporâneos sobre Dança nesta mesma universidade. Em seu projeto "Tribal Tour", fundado em 2011, já ministrou diversos workshops em diferentes estados do Brasil. Joline participou de grandes eventos internacionais como dançarina e/ou professora:

⁶ Disponível em <https://www.jolineandrade.com/pesquisas>. Acesso em: 25 ago. 2023.

⁷ Jornalista, graduada em 1998 – UFPB, Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba (1998). Graduada em Licenciatura em Dança UFPB (2018). Mestra em Ciências das Religiões UFPB (2017), dentro da linha Espiritualidade e Saúde (Corpo e espiritualidade). Professora, bailarina e coreógrafa de Dança do Ventre, Folclore Árabe e Tribal desde 2000; desenvolve e divulga o estilo Tribal Brasil no país e exterior desde 2003, sendo ainda Instrutora de Yoga e terapeuta holística.

toré, que são danças dos povos originários, como é ressaltado por Gilmara Cruz Araujo⁸

“No Brasil, em 2002, surge à primeira trupe Tribal do país, a Cia. Halim Dança Étnica Contemporânea criada por Shaide Halim na cidade de São Paulo e partir daí, essa Dança étnica foi se expandindo dentro do país e sendo modificada de acordo com a cultura brasileira. Em João Pessoa, a professora e bailarina Kilma Farias criou o estilo Tribal Brasil, onde são mescladas todas as características acima citadas com Danças Afro-brasileiras. Ao estilo também foram acrescentados ritmos nordestinos como o baião por exemplo”. (ARAUJO, 2013, p. 07).

Kilma Farias desenvolve a dança chamada estilo Tribal Brasil desde 2003, também faz parte da organização de um festival de dança de fusão Caravana Tribal Nordeste (CTNE) um evento itinerante de dança que contempla os estados da Bahia, Pernambuco, Paraíba, Ceará e Alagoas, e já conta com 12 anos de existência proporcionando arte e cultura a toda população das regiões onde é realizada que é realizado anualmente, por grupos do Nordeste desde 2010 e em cada ano um dos grupos tem a responsabilidade de produzir o evento. Fazem parte dessa caravana os grupos: Cia Lunay (PB); Cia Antique Soul (CE); Zambak Cia de Dança Tribal (AL) que participou em 2019) e a Trupe Mandhala (BA).

2. O FLORESCER DA DANÇA DE FUSÃO EM ALAGOAS

O projeto de extensão “Poética da dança tribal” apresenta um estilo de dança pouco conhecido em Alagoas, visto que não encontramos registros literários sobre experiências com esta dança no Estado. Aberto à comunidade, o projeto surgiu em 2015 na cidade de Maceió, sob coordenação da Professora Ana Clara Santos Oliveira, como proposta de introduzir e aprofundar conhecimentos no âmbito da fusão em dança através de diálogos com a comunidade interna e externa à UFAL. Por meio da relação entre a Universidade e Sociedade, a ação extensionista nasceu com o interesse de propor abordagens de dança do ventre com ênfase nas fusões de seus processos criativos, especialmente, com danças da Índia, o flamenco, danças como *locking*, *wacking*, *popping*, *waving*, *jazz*, balé, entre outras. De acordo com a dançarina e professora brasileira Joline Andrade (2011), essa configuração de dança pode ser denominada de dança tribal.

“A dança tribal, sendo composta por símbolos de cada cultura envolvida, selecionados através da familiaridade organizacional dos mesmos, permite a mistura de quaisquer outras informações culturais por meio de experimentações combinatórias. Desse modo, os agentes da dança tribal, em uma iniciativa transgressora, fizeram emergir mais uma categoria na dança tribal: “a dança de fusão” (aponto o termo fusão como mais um equívoco ao se tratar de uma perspectiva de construção híbrida). (ANDRADE, 2011, p. 15-16).

⁸ Graduada em História pela Universidade do Estado da Bahia – Campus II. Foi aluna especial da disciplina Cultura Popular e de Massa do Mestrado em Crítica Cultural.

Minha primeira vivência em dança do ventre foi a partir da oficina - TÉCNICAS E POÉTICAS DO/NO CORPO QUE DANÇA, ministrada pela então professora Ana Clara Santos Oliveira, durante a Semana Acadêmica do Curso de Licenciatura em Dança –UFAL, IV UNIVERSIDADANÇA, ofertada em 2014, provocando um vislumbre para esta dança. Logo ao fim da oficina a professora exibiu uma pequena célula coreográfica de dança *tribal fusion*, acarretando um desejo de conhecer o que estava sendo expresso com aquelas movimentações que eram uma incógnita, até aquele momento. Então nos foi apresentada uma dança que consegue atualizar-se, unindo-se a outras formas de danças e que somando as memórias corporais existentes em cada indivíduo resulta em um novo movimento na dança, a dança tribal. KATZ (2006) pontua sobre o entendimento de que “ideias são *memes*”, que impregnam nosso corpo e nos fazem recriar, transformar o que já conhecemos em algo novo.

“Um *meme* é como um vírus. Pode, portanto, nos infectar. Assim como os genes se propagam de um corpo a outro por intermédio de espermas ou ovos, *memes* pulam de um cérebro para o outro. Nós hospedamos e reproduzimos esses “parasitas informacionais” mediante toda nossa produção cultural: arte, religiões, artefatos, tecnologias, tudo”. (KATZ, 2006, p. 53-54)

Segundo a autora, o termo “parasitas informacionais” é usado para se referir aos *memes*⁹ como mecanismos de contaminação e comutação, é utilizado fazendo uma relação sobre a informação que é passada, assimilada pela mente e corpo e adiante transformada é, pelo meio ao qual o outro indivíduo que recebe a informação vive, a reproduzirá. Então, percebam que um indivíduo não reproduz o movimento tal qual lhe foi ensinado, visto que quando o mesmo é executado por outro indivíduo, este se recria, se renova, pois ainda que o corpo absorva o que lhe foi apresentado, num instante da reprodução ele se tornará parte do novo indivíduo, somatizando as memórias de movimentos e habilidades que já estavam impregnado em uma nova essência e forma de fazer, dada as informações já existentes no corpo e é isso que a dança tribal nos permitir fazer, nos oferece a oportunidade de transmutar nossa dança.

2.1 OS PRIMEIROS PASSOS - Projeto Poéticas em Dança Tribal

Para fomentar este encantamento que inicialmente a dança do ventre despertara, a partir dessa oficina, que foi minha primeira prática de dança enquanto aluna no curso de licenciatura em dança, expandiu o olhar para amplas possibilidades de explorar minha aprendizagem com estudo corporal e assim tenho feito até os dias atuais, me dedicando intensamente à dança tribal. O projeto de extensão trouxe um diálogo com essa dança, de forma simples e objetiva, com indivíduos que já experimentaram algum tipo de dança ou não, mas que estão abertos ao novo, dispostos a entregarem seus corpos para essa experiência individual e coletivamente também.

⁹ O conceito de *meme* vem de Richard Dawkins, biólogo da Universidade de Oxford, em seu livro *O gene egoísta*, que foi publicado em 1976.

O Projeto de Extensão Poética da Dança Tribal iniciou com aulas semanais, aos poucos, fomos compreendendo o universo desta dança e assim participei de outros projetos ofertados pela licenciatura em dança, com a intenção de agregar novos repertórios à dança do ventre de fusões que é uma fonte de inúmeras possibilidades de combinações de movimentos.

As aulas do Projeto Poéticas em Dança Tribal iniciaram no dia 11 de julho de 2015, no Espaço Cultural Universitário Professor Alberto de Barros Lima, na sala 15, ministradas pela professora Ma. Ana Clara Santos Oliveira e contou com cerca de 30 participantes. Durante os primeiros dia de aula, a professora apresentou slides e também leituras com relação ao projeto de extensão, esclarecendo dúvidas; a metodologia e cronograma geral, citando autores, pesquisadores que embasaram bibliograficamente o projeto, tais como Rudolf Laban¹⁰; Kilma Farias; Joline Andrade, nos apresentando e contextualizando sobre a Dança Tribal, trazendo a história sobre a dança até os dias atuais e as dançarinas que são referências do estilo Tribal Fusion e Tribal Brasil. Também esclarece o cronograma semestral do projeto, propostas, solicita diário de bordo individual a cada aluno e limites de ausências (sem justa causa).

As aulas têm início com alongamentos e movimentos de posturas do yoga¹¹ e pilates¹², trabalhando a respiração, equilíbrio, concentração e bem-estar físico e mental, preparando os alunos com mobilidade para os encaminhamentos seguintes. Com as posturas do yoga, também são usadas as mudras¹³, são gestos que nos permitem sintonizar com frequências específicas de energia do Universo. Segundo Yoga e Ayurveda, a saúde plena é o resultado dessa sintonia em que o ser individual, o microcosmo, sincroniza-se com o universo, o macrocosmo, conforme o relatório de 2016 (ver APÊNDICE A).

As aulas possuem caráter de metodologia prática, no contexto da prática como pesquisa, visto que a palavra “prática”, assim sendo o eixo guiador, o método (OLIVEIRA, 2019, p.13). Consistindo numa maneira de prosseguir nos ensinamentos, resultando numa consciência corporal e presença a partir de

¹⁰ Rudolf Laban: músico, bailarino, coreógrafo e performático húngaro, foi fundador da escola e diretor de sua própria companhia de dança, escritor e teórico da **Arte do Movimento**. Laban nasceu em Poszony (Bratislava) e morreu em Weybridge (Inglaterra). O artista estudou na Faculdade de Arquitetura da **Escola Nacional Superior de Belas Artes** (Paris).

¹¹ Yoga: vem do sânscrito e é originária da raiz verbal "yuj", que significa unir, integrar e totalizar. Portanto, Yoga também é união, já que tem como objetivo principal despertar a sensação de êxtase (bem-estar), por meio da integração do ser. Esta integração acontece através de técnicas de respiração (Pranayama), posturas e movimentos físicos (asanas), além da meditação.

¹² Pilates: método criado pelo alemão Joseph Pilates (1880-1967) e, mesmo com exercícios aparentemente suaves, os movimentos realizados no Pilates proporciona o alongamento e a fortificação do corpo de forma integrada e individualizada, além de melhorar da respiração, diminuir o stress, desenvolver consciência e equilíbrio corporal, melhorar a coordenação motora e a mobilidade articular e proporcionar relaxamento.

¹³ A palavra em sânscrito mudra significa gesto das mãos, mas também pode indicar posições dos olhos, do corpo e técnicas de respiração, para obter benefícios físicos, mentais e espirituais. De acordo com a ciência do yoga, os mudras funcionam estabelecendo uma conexão direta entre o corpo – annamaya kosha, a mente – manomaya kosha e o corpo energético – pranamaya kosha. Por outro lado, no ponto de vista científico, existem numerosas terminações nervosas nas mãos e os mudras agem influenciando os reflexos inconscientes e os comportamentos instintivos que são controlados por áreas primitivas do cérebro. Fonte - <https://yogateria.com.br/yoga-mudra/> Acesso em 30/09/2023.

dinâmicas experimentações com as técnicas do yoga, compreensão de vetores com uso da sistematização de Klauss Vianna. A professora iniciava o aquecimento com movimentos da dança do ventre, uma vez que ela é a base à dança tribal, ainda que alguns alunos não tivessem o domínio da movimentação proposta naquele momento, mas todos se esforçavam para acompanhá-la, então, aos poucos eram inseridos mais alguns e em aulas passavam a ser fragmentados para tornar mais fácil o entendimento detalhado, de onde partia a intenção do mesmo.

O andamento da aula prosseguia com demonstração de movimentos isolados do tribal fusion que seriam compartilhados pela professora, em seguida com turma, disposta em filas e intercalados, era proposto a repetição dos movimentos que a professora apresentou, inicialmente sem música. Alguns momentos são trabalhados com movimentos isolados, em outros momentos temos liberdade para explorar nossos corpos a partir de parâmetros sugeridos pela professora, técnicas de espelho onde, em duplas, fazemos movimentos como se um fosse o reflexo do outro e assim conseguimos dialogar tanto com questões de movimentos corporais quanto também de conhecer um pouco mais o colega que está formando dupla conosco.

De acordo com a evolução da turma; gradativamente, éramos instigados a nos investigarmos enquanto unidade, nos atentando aos movimentos corporais individualmente, posteriormente, com a progressão na execução de movimento a docente propunha a formação de duplas ou grupos para iniciar a construção partilhada de pequenas células coreográficas, Ao final das aulas estes pequenos processos coreográficos eram apresentados à turma, repartindo com amorosidade o resultado de uma coreografia que parte de uma criação colaborativa resultante dos laboratórios de improvisação. Vejamos o que diz Halselbach sobre improvisação

Da improvisação pode-se chegar a uma “criação” – aliás, de todas as etapas do desenvolvimento da dança e, até certo ponto, da etapa elementar. Criar, na dança significa estruturação clara do corpo, capacidade e de repetição, desenvolvimento do conteúdo e da forma e, de acordo com o tema, elaboração de elementos estilísticos. Somado à esquematização espontânea, à improvisação, devem existir a reflexão, a construção revestida de lógica e a precisão da execução para que se constitua sempre uma criação ou forma de dança correspondente ao melhor nível. (Halselbach, 1989, p. 08).

Os momentos de improvisação eram sempre de muita solidariedade, havendo uma troca mútua de conhecimentos entre os próprios alunos, sob a observação da professora. Assim, os alunos com mais facilidade na aprendizagem e execução do que era apresentado, auxiliava o colega que ainda não havia compreendido durante o tempo em grupo, visto que, num instante em dupla ou trio essas pequenas dúvidas eram sanadas.

Há também durante as aulas momentos de reflexões e conhecimento através de leituras de textos indicados pela professora Ana Clara, que dialogam com a Dança Tribal. Esses textos eram enviados por meio de rede social do projeto de extensão (facebook), por e-mail, indicados também para pesquisa no google ou por cópia impressa e entregues aos discentes. Textos também fizeram parte das aulas, estimulando a discussão e debates, acrescentando análises e reflexões sobre a

história da dança tribal e suas relações com a contemporaneidade. Os textos tratavam de temas relevantes para a nossa edificação com estilo da dança tribal. Temas relacionados à identidade indígena no Brasil foram relatados durante a explicação sobre o Tribal Brasil, estilo que foi configurado por Kilma Farias. Os textos são fáceis de compreender, lidos previamente e discutidos em sala em momentos de leitura e comentários, instantes em que ouvíamos e também éramos, com falas construtivas e questionando, tirando dúvidas e refletindo sobre eles.



Fonte: arquivo pessoal da autora

O projeto de extensão em Dança Tribal, realizou sua primeira apresentação no teatro Sala Preta do Espaço Cultural Universitário ao final do ano de 2015, com duas coreografias, *Fusion* e Brasil, construídas pela docente associando as práticas relacionadas aos movimentos estudados durante o referente período. A apresentação foi divulgada sob a informação de aula inaugural. O projeto de extensão permaneceu ativo por mais anos, com outros títulos, mas com a mesma proposta. Continuou avançando e agregando mais mulheres e homens da comunidade acadêmica e da sociedade

No ano seguinte os estilos de dança tribal *fusion* e Brasil, foram separados por semestre para facilitar a compreensão corpórea de cada estilo. O calendário das aulas do projeto de extensão esteve comprometido no primeiro semestre com aulas de *tribal fusion*; e no segundo semestre com aulas de tribal Brasil. Em momentos específicos tivemos atividades diferentes oportunidades de enriquecimento com vivências que agregaram conhecimento ao grupo, a destaque temos o encontro no dia 15 de outubro -2016, pois tivemos uma palestra com a Rede Mulher¹⁴ sobre “Prevenção ao câncer de mama”; em 31 de outubro do mesmo ano fomos agraciados com uma “Oficina de automaquiagem”, momento que foi compartilhado com muito aproveitamento, onde nos foram esclarecidos como preparar a pele para iniciar uma maquiagem artística, quais os pincéis usarmos para esfumar, aplicar sombra, pó facial, fazer contorno facial, como aplicar corretamente o batom matte, entre outras dicas, de como delinear o olho e realçar as sobrancelhas; houveram

¹⁴ é uma instituição não-governamental, fundada em 14 de março de 1973, sem fins lucrativos, a Rede Feminina conta com a força das voluntárias para prestar apoio aos pacientes de câncer em tratamento na Santa Casa de Misericórdia de Maceió. A rede possui uma Casa de Apoio, com 40 leitos e hospeda pacientes vindo do interior do Estado, em tratamento de rádio e quimioterapia na Santa Casa de Misericórdia de Maceió.

outras oficinas como a de elaboração de turbantes com lenços e também de dança de matriz africana com uma aluna do próprio projeto de extensão.

2.2 REPERCUSSÕES DO PROJETO DE EXTENSÃO EM DANÇA TRIBAL

O projeto de extensão em Dança Tribal, realizou sua primeira apresentação no teatro Sala Preta do Espaço Cultural Universitário ao final do ano de 2015, com duas coreografias, *Fusion* e *Brasil*, construídas pela docente associando as práticas relacionadas aos movimentos estudados durante o referente período. A apresentação foi divulgada sob a informação de aula inaugural. O projeto de extensão permaneceu ativo por mais anos, com outros títulos, mas com a mesma proposta. Continuou avançando e agregando mais mulheres e homens da comunidade acadêmica e da sociedade.

No segundo semestre de 2016 iniciamos a organização para o “I Encontro de Dança Tribal em Alagoas”. Com a programação semestral voltada para este evento, engrenamos juntos para a criação das coreografias, onde a autora foi a docente Ana Clara Oliveira e os discentes coautores, num processo de ensino-aprendizagem, como afirma Oliveira (2019) ao dizer

“No caso do projeto de extensão desenvolvido, as mulheres reconheciam-se como autoras e coautoras no processo de ensino-aprendizagem, pois, durante a tessitura, era comum que compartilhassem questões, sequências elaboradas ou movimentos isolados que gostariam de investigar. Dessa forma, é possível afirmar que a prática como pesquisa permite perceber o corpo como experienciado/vivido e consciente das relações com o outro na cena”. (OLIVEIRA, 2019, p. 23).

Por isso, é importante a autonomia no processo criativo durante as aulas e o compartilhamento pós investigação que foram surgindo em meio a improvisação nos laboratórios para a montagem de células coreográficas.



Fonte: arquivo pessoal: Momentos de aula e improvisação em duplas.

Realizado nos dias 04, 05 e 06 de dezembro, o 1º Encontro de Dança Tribal de Alagoas foi produzido pela Escola Técnica de Artes (ETA/Ufal) sob a direção de Ana Clara Oliveira. A abertura marcada para 15h no Teatro Sesc Jofre Soares e a entrada gratuita. Houve apresentação do Espetáculo “Mostra de Dança Tribal”, que contou com participação especial de Kilma Farias e artistas locais convidados. Nos dias 5 e 6 as atividades da programação foram realizadas no Espaço Cultural, a partir das 8h, havendo apenas credenciamento necessário, mediante documento com foto, para participar das mesas e oficinas. O evento contou com o apoio da

Universidade Federal de Alagoas -UFAL, Escola Técnica de Arte- ETA e Sesc; tivemos o encerramento do semestre com um marco na história da dança em Alagoas, que reverberou numa publicação sobre o evento na revista eletrônica *TRIBALIZANDO*, sendo este o 1º evento de Dança Tribal em uma universidade federal. Houve ainda o 2º e 3º Encontro de Dança Tribal em Alagoas, trazendo artista de outros Estados do Brasil, proporcionando visibilidade ao trabalho que estava/está efetivamente realizado em nossa cidade, Maceió.

3. CONSIDERAÇÕES

É importante ressaltar que a Dança Tribal, Dança do Ventre de fusão ou ainda "*Fusion Belly Dance*", como passou a ser chamada por artista da cena, é ainda relativamente jovem na história da dança num cenário mundial, visto que surgiu entre as décadas de 1960 e 1970, com Jamila Salimpour, ganhou visibilidade e se expandiu pelo mundo com sua diversidade étnica, partindo da dança do ventre e suas fusões com estéticas distintas, tornou-se um fenômeno cultural.

O projeto de extensão em Dança Tribal - ETA-ICHCA/UFAL, possibilitou-me uma participação ativa desde o seu primeiro momento, passando por fases de suma importância para a construção artística e profissional; inicialmente como aluna, posteriormente como monitora e estagiária, ministrei aulas de regência e observação que faziam parte da carga horária da disciplina de estágio obrigatório II para a graduação. Os registros produzidos ao final de cada semestre, o relatório entregue a graduação do Curso de Licenciatura em Dança foram de grande colaboração para esta pesquisa, junto com a prática das aulas nortearam a temática envolvida.

O objetivo geral do projeto de extensão em Dança Tribal é desenvolver aulas de nível iniciante e intermediário, com o intuito de disseminar a poética da dança tribal no Estado de Alagoas como área de conhecimento, tendo uma relação de diálogo com a universidade e a comunidade. Além de ter um foco específico de trabalhar com a comunidade, o projeto visa estimular o pensamento crítico sobre essa dança na comunidade onde os alunos vivem, abrangendo como metodologia o entendimento do aluno como um todo, compreensão heurística desse ser. As turmas do projeto são heterogêneas, possuindo estes alunos habilidades diferentes, vivências diferentes, outros com a formação técnica em dança, graduados em cursos superiores, e ainda pessoas de áreas de conhecimento distintas, mas que mesmo assim, se entregaram no fazer artístico, muitas vezes com dificuldades, carregando diferentes preparações corporais e repertórios de experiências anteriores ou não, mas a oportunidade e o acolhimento do grupo para se integrar e fazer parte deste projeto que abraça todos e quaisquer corpo que se disponha a aprender.

Perguntou-se: que tipos de procedimentos metodológicos testemunham elementos relevantes na instrução em dança? Esta pergunta instigou para uma pesquisa futura, como desdobramento e reverberações que irão contribuir nessa construção artística.

Acrescento que após o primeiro ano de existência do Projeto de Extensão, surge, em comum acordo com a turma, a primeira Companhia de Dança Tribal em Alagoas, Zambak Cia de Dança Tribal. Tenho imenso prazer em fazer parte da história da Dança Tribal, que está crescendo e trazendo novas possibilidades de pesquisas para um futuro próximo, pois esta dança me oportunizou mergulhar num oceano que deságua numa imensidão de oportunidades. Seguirei florescendo a cada dia minha relação de profissionalismo e dedicação à dança. Trilhei caminhos que me levaram a transmutar para a aprendizagem e crescimento artístico e profissional. Muito importante também foi o comprometimento e disponibilidade que encontramos na professora coordenadora do projeto de extensão, estabelecendo uma relação entre professora e alunas (os), construída não apenas por obrigação, mas numa relação que transcende o vínculo esperado num espaço acadêmico.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Joline Teixeira Araújo. Processos de hibridação na Dança Tribal: Estratégias de transgressões em tempos de globalização contra hegemônica. Monografia, 2011.

_____, Joline Texeira Araújo. LABAN, COMPLEXIDADE E A DANÇA TRIBAL. – Programa de Pós Graduação em Dança, Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, p. 15-16, 2011.

ARAÚJO, Gilmara Cruz de. A Aura e a autenticidade; tribal, dança; universidade do Estado da Bahia–UNEB, Dissertação de mestrado em crítica cultural.

HASELBACH, Barbara. Dança, improvisação e movimento: expressão corporal na educação física. Ao Livro Técnico, p. 08, 1989.

KATZ, Helena. O corpo e o meme de Laban: uma trajetória evolutiva. Reflexões sobre Laban o mestre do movimento. São Paulo: Summus Editorial, p. 51-60, 2006.

MELO, Caíque Silva. Oriente-se em questão: Que tipo de mundo sua dança testemunha? Editora Mente aberta, p. 78, 2023.

OLIVEIRA, Ana Clara Santos. Mulheres em cena. Dança tribal e improvisação: Um caminho metodológico para o sagrado feminino. Edufal. P, 13. 2019.

OLIVEIRA, Ana Clara Santos. Oriente-se em questão: Que tipo de mundo sua dança testemunha? Editora Mente aberta, p. 23, 2023.

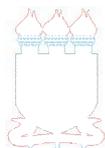
VASCONCELOS, Maria Beatriz Ferreira. Estilo Tribal Americano de Dança do Ventre: algumas questões e princípios estéticos, técnicos e composicionais.2019. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Dança, Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

SITES

<https://www.escavador.com/sobre/7768434/kilma-farias-bezerra>. Acesso em 04 out. 2023.

<http://www.rachelbellydance.com/salimpour-school/>. Acesso em 04 out. 2023.

APÊNDICE A – RELATÓRIO DO PROJETO DE EXTENSÃO (2016)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES - ICHCA
ESCOLA TÉCNICA DE ARTES – CURSO DE DANÇA
CURSO DE EXTENSÃO - DANÇA TRIBAL: POSSIBILIDADE CRIATIVA
COORDENAÇÃO: Prof.^a MSC. ANA CLARA SANTOS OLIVEIRA

ELIS REGINA SANTOS MOURA EPIFÂNIO

MACEIÓ- AL

2016

ELIS REGINA SANTOS MOURA EPIFÂNIO

RELATÓRIO 2016.1

Relatório 2016.1 apresentado como requisito do Curso de Extensão vinculado ao Projeto Poética da Dança Tribal, da Escola Técnica de Artes, na Universidade Federal de Alagoas.

Prof.^a Msc: Ana Clara Santos Oliveira.

Maceió

2016

SUMÁRIO

RESUMO.....	2
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	3
INTRODUÇÃO.....	4
RELATO SOBRE AS AULAS DO PROJETO DE EXTENSÃO EM DANÇA TRIBAL.....	5
MUDRAS QUE NOS FORAM APRESENTADOS.....	6
PROGRAMAÇÃO DO I ENCONTRO DE DANÇA TRIBAL EM ALAGOAS.....	11
ANEXOS.....	13
REFERÊNCIAS.....	16

RESUMO

Este Relatório apresenta algumas atividades do Projeto de Extensão Poética da Dança Tribal, da Escola Técnica de Artes, na Universidade Federal de Alagoas – UFAL, referente ao período 2016.1. A partir de práticas corporais e uso de textos, o curso de Extensão busca disseminar e refletir sobre Dança Tribal nos estilos Fusion e Brasil, dialogando com respirações e posturas do yoga, mudras indianas e posturas do Pilates, bem como também com autores nacionais a exemplo de Kilma Farias -PB e Gilmara Cruz de Araújo - BA.

Palavras-chave: Disseminar, Dança, Tribal.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mudra For de Lótus.....	
Figura 2 – Mudra Gyan.....	
Figura 3 – Mudra Garuda.....	
Figura 4 – Mudra Ksepana.....	
Figura 5 – Mudra Shivalinga.....	
Figura 6 – Rede Mulher.....	
Figura 7 – Cartaz do I Encontro de Dança Tribal.....	
Figura 8 – Turma de Extensão Em Dança Tribal e convidados.....	

...

INTRODUÇÃO

O Projeto Poética em Dança Tribal, apresenta um estilo de dança pouco conhecido em Alagoas. Aberto à comunidade, o mesmo vem fomentar um desejo, uma busca por algo novo que surge da hibridização da dança do ventre, um estilo de dança praticada originalmente em diversas regiões do Oriente Médio e da Ásia Meridional, com outros estilos praticados universalmente como o Indiano; Flamenco; Danças Urbanas; Balé. O estilo surgiu na década de 60, nos Estados Unidos, pela coreógrafa Jamila Salimpour que, após longa viagem pelo Oriente Médio e norte da África, criou um estilo onde unia movimentos de danças folclóricas de países como Marrocos, Argélia, Líbia e Egito, criando um estilo único. Aqui no Brasil, a dançarina Kilma Farias, uniu o que já conhecia por Dança Tribal Fusion com alguns estilos de dança popular brasileira, danças de orixás de matriz africanas e com o toré, que é uma dança indígena. Tribal é um estilo contemporâneo de dança onde são valorizados aspectos étnicos de diversas culturas em fusão com conceitos de universo feminino e união. O Tribal é guiado pela filosofia da multiplicidade de estilos: tantas são as etnias presentes no mundo, tantas são as possibilidades da criação. O projeto de extensão nos traz um diálogo com essa dança, de forma simples e objetiva, com pessoas que já experimentaram algum tipo de dança ou não, mas que estão abertas ao novo, dispostas a entregarem seus corpos para essa experiência individuais e em coletivo também.

RELATO SOBRE AS AULAS DO PROJETO DE EXTENSÃO EM DANÇA TRIBAL

As aulas do Projeto Poética em Dança Tribal, iniciaram no dia 11 de julho de 2016, Espaço Cultural Universitário Professor A. de Barros Lima Pça. Sinimbu, 206, Centro - Maceió/AL, sala 15, ministradas pela professora Ana Clara Santos Oliveira. No primeiro dia de aula, a professora sempre apresenta slides e faz a leitura do projeto de extensão, esclarecendo dúvidas; citando os autores, pesquisadores que embasam o projeto, tais como Rudolf Laban¹⁵; Kilma Farias¹⁶; Joline Andrade¹⁷; nos apresentando e contextualizando sobre a Dança Tribal, trazendo a história sobre a mesma até os dias atuais e as dançarinas que são referências do estilo Tribal Fusion e Tribal Brasil. Também esclarece o cronograma semestral do projeto, propostas, solicita diário de bordo individual a cada aluno e limites de ausências (sem justa causa).

Grande parte das aulas têm início com alongamentos, onde são utilizadas posturas do yoga¹⁸ e pilates¹⁹, trabalhando a respiração, equilíbrio, concentração e bem-estar físico e mental. Com as posturas do yoga, também são usadas os mudras são gestos que nos permitem sintonizar com frequências específicas de energia do Universo. Segundo Yoga e Ayurveda, a saúde plena é o resultado dessa sintonia em que o ser individual, o microcosmo, sincroniza-se com o Universo, o macrocosmo.

¹⁵ Rudolf Laban: músico, bailarino, coreógrafo e performático húngaro, foi fundador de escola e diretor de sua própria companhia de dança, escritor e teórico da **Arte do Movimento**. Laban nasceu em Poszony (Bratislava) e morreu em Weybridge (Inglaterra). O artista estudou na Faculdade de Arquitetura da **Escola Nacional Superior de Belas Artes** (Paris).

¹⁶ Kilma Farias: Bailarina, professora, pesquisadora e coreógrafa, diretora da Cia Lunay que possui núcleos em João Pessoa – PB e Recife –PE.

¹⁷ Joline Andrade: Joline Andrade (Salvador, Bahia, Brasil), é bailarina, coreógrafa, professora, produtora e pesquisadora na área da dança. É formada em licenciatura em Dança e no Curso de Dançarino Profissional pela Universidade Federal da Bahia. Em 2011 concluiu o Curso de Pós-Graduação (Especialização) em Estudos Contemporâneos sobre Dança nesta mesma universidade. Em seu projeto "Tribal Tour", fundado em 2011, já ministrou diversos workshops em diferentes estados do Brasil. Joline participou de grandes eventos internacionais como dançarina e/ou professora:

¹⁸ Yoga: vem do sânscrito e é originária da raiz verbal "yuj", que significa unir, integrar e totalizar. Portanto, Yoga também é união, já que tem como objetivo principal despertar a sensação de êxtase (bem-estar), por meio da integração do ser. Esta integração acontece através de técnicas de respiração (Pranayama), posturas e movimentos físicos (asanas), além da meditação.

¹⁹ Pilates: método criado pelo alemão Joseph Pilates (1880-1967) e, mesmo com exercícios aparentemente suaves, os movimentos realizados no Pilates proporciona o alongamento e a fortificação do corpo de forma integrada e individualizada, além de melhorar da respiração, diminuir o stress, desenvolver consciência e equilíbrio corporal, melhorar a coordenação motora e a mobilidade articular e proporcionar relaxamento.

MUDRAS APRESENTADOS DURANTE AS AULAS DO PROJETO DE
EXTENSÃO:

MUDRA DE FLOR LÓTUS: abre o coração sutil e liberta da tensão e
cria expansão na caixa torácica.



Figura 1

MUDRA GYAN: Mudra do conhecimento

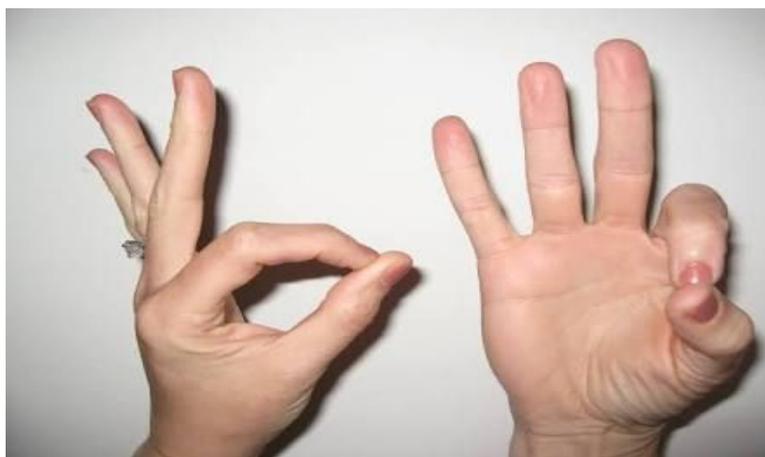


Figura 2

GARUDA MUDRA: representa o pássaro, a liberdade e o poder...
conexão entre lado esquerdo e direito do corpo



Figura 3

KSEPANA MUDRA: este mudra favorece a expulsão de energia
negativa e absorve energia positiva, fresca e restauradora.



Figura 4

Shivalinga mudras: contra o cansaço, insatisfação e inquietação do coração.



Figura 5

Nos primeiros dias de aulas, a professora propõe um aquecimento elaborado com movimentos da dança do ventre, já que o mesmo é a base para a dança tribal, então são incluídos movimentos conhecidos pela turma, visto que se trata da turma 1 que já vem fazendo aula desde o semestre anterior. O desenvolvimento da aula se dá com movimentos isolados do tribal fusion, onde seguimos o método de repetição aos movimentos da professora; avançando de acordo com a evolução da turma; e gradativamente nós somos instigados a nos investigarmos enquanto movimentos corporais de acordo com as propostas que são sugeridas. Alguns momentos são trabalhados com movimentos isolados, mas que ao decorrer da aula forma uma célula coreográfica; em outros momentos temos liberdade para explorar nossos corpos a partir de parâmetros sugeridos pela professora, técnicas de espelho onde em duplas fazemos movimentos como se um fosse o reflexo do outro e assim conseguimos dialogar tanto com questões de movimentos corporais quanto também de conhecer um pouco mais o colega que está formando dupla conosco.

Há também momentos de reflexões e conhecimento através de leituras de textos indicados pela professora Ana Clara, que dialogam com a Dança Tribal. O mesmo nos são enviados por meio de rede social (facebook), por e-mail, pesquisa no google ou por cópia impressa. Este ano trabalhamos com os seguintes textos:

- Identidade Indígena do Nordeste no Brasil – Kilma Farias – PB
- A Aura e a Autenticidade da Dança Tribal - Gilmara Cruz de Araújo – BA

Os textos são lidos previamente e discutidos em sala, são textos de fácil compreensão, onde ouvimos e somos ouvidos, questionando, tirando dúvidas e refletindo sobre os mesmos.

Este ano os estilos de dança tribal, Fusion e Brasil, foram separados para facilitar a compreensão corpórea sobre os mesmos. De 11 de julho até 12 de setembro foram aulas de tribal fusion; a partir de 19 de setembro até 12 de dezembro foram aulas de tribal brasil, mas em alguns momentos tivemos atividades diferentes que só agregaram conhecimento ao grupo.

No dia 15 de outubro tivemos uma palestra com a Rede Mulher, que é uma instituição não-governamental, fundada em 14 de março de 1973, sem fins lucrativos, a Rede Feminina conta com a força das voluntárias para prestar apoio aos pacientes de câncer em tratamento na Santa Casa de Misericórdia de Maceió. A rede possui uma Casa de Apoio, com 40 leitos e hospeda pacientes vindo do interior do Estado, em tratamento de rádio e quimioterapia na Santa Casa de Misericórdia de Maceió.



Figura 6

Foto: Arquivo do Facebook Rede Mulher

Em 31 de outubro fomos privilegiados com uma oficina de auto maquiagens, com a Hillary Vieira, momento que foi compartilhado com muito aproveitamento, onde nos foram esclarecidos como preparar a pele para iniciar uma maquiagem artística, quais os pinceis usarmos para esfumar, aplicar sombra, pó facial, fazer contorno facial, como aplica corretamente o batom com tons mais escuros, entre outras dicas, de como delinear o olho e realçar as sobrancelhas. Maravilhoso.

Em novembro, passamos a ter ensaios de danças tribal fusion e brasil, para isso cada aluna optou pelo estilo que mais se identificou, tendo em vista as apresentações do I ENCONTRO DE DANÇA TRIBAL ETA UFAL, que teve a seguinte programação:



ETA
ESCOLA TÉCNICA DE ARTES

I ENCONTRO DE DANÇA TRIBAL

ETA/UFAL

Convidados: Kílma Farias (PB) e Prof. Dr. Guilherme Schulze (PB).

Entrada Franca

Espectáculo: dia 04/12, no Teatro SESC Jofre Soares, às 15:00.
Palestras, oficinas e yoga/meditação: dias 05 e 06/12, no Espaço Cultural UFAL.

Inscrições no site da ETA (www.etaufal.com)
Coordenação Prof^a. Msc. Ana Clara Oliveira
Espaço Cultural, 206, Centro. (82) 3214-1614 www.etaufal.com

SESC ETA ESCOLA TÉCNICA DE ARTES UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

Figura 7 - Arquivo pessoal

PROGRAMAÇÃO DO I ENCONTRO DE DANÇA TRIBAL EM ALAGOAS

:

04 de dezembro/2016

Local: Teatro SESC Jofre Soares. Entrada Franca (retirada de senhas uma hora antes).

15h – Espetáculo “Mostra de Dança Tribal”: com participação de Kilma Farias e apresentações artísticas de convidados”.

05 de dezembro/2016

Local: Espaço Cultural UFAL. Gratuito.

8h às 9h – Credenciamento dos participantes (mediante apresentação de documento com foto).

9h às 12h – Mesa-redonda “Pesquisas/pedagogias em dança, dança tribal e saberes do/no corpo cênico: Prof. Dr. Guilherme Schulze (UFPB), prof.^a Ana Clara Oliveira (ETA UFAL), profa. Mestranda/artista criadora do estilo “Tribal Brasil” Kilma Farias (PB) e profa. Doutoranda Juliana Barreto (UFPE).

14h às 15h – Oficina de Turbantes: Artista/aluna Leonora Maria (2º semestre do Curso de Dança ETA UFAL).

15h às 17:30h – Oficina de Tribal Fusion: Kilma Farias (PB).

17:30 – Meditação com Tigelas: Profa. Valéria Nunes (ETA UFAL).

06 de dezembro /2016

Local: Espaço Cultural UFAL. Gratuito.

8h às 9h – Aula de Yôga (aberto à comunidade): Profa. Almerinda Barbosa “Linda” (AL). Credenciamento dos participantes (mediante apresentação de documento com foto).

9h às 12h – Oficina “Laban e Vídeodança: relações criativas Prof. Dr. Guilherme Schulze (UFPB).

14h às 18h – Oficina de Tribal Brasil: Kilma Farias (PB).

18h – Apresentação da Zambak Cia de Dança Tribal (pátio do Espaço Cultural).



Figura 8: Arquivo do Grupo de Extensão - Facebook

Para a apresentação artística no Teatro Jofre Soares, contamos com a participação de artistas locais e convidados de outros estados também:

- Ana Clara – BA (Dança Tribal)
- Kilma Farias – PB (Dança Tribal)
- Dilma Tarub – AL (Dança do Ventre)
- Cyssa Ananias (Dança do Ventre)
- Leonardo Emiliano (Break dancer)
- Diego Bernardes Dança Afro)
- Eliane Ferro – Dança Cigana/Ventre)
- Âmbar Yanina –GO (Dança Tribal)
- Rachel Monteiro – (Dança Indiana)
- Carleane Correia – AL (Dança Tribal)
- Cia Mandala de Danças Ciganas
- Turma de Extensão Tribal Fusion
- Turma de Extensão Tribal Brasil
- Zambak Cia de Dança Tribal

Após o I Encontro de Dança Tribal em Alagoas, evento que contou com o apoio da Universidade Federal de Alagoas -UFAL, Escola Técnica de Arte- ETA e Sesc; tivemos o encerramento do semestre; um período inesquecível onde fomos citados na revista eletrônica *TRIBALIZANDO*, sendo o 1º evento de Dança Tribal em uma universidade federal. Encerramos o ano letivo com chave de ouro.

Gratidão!

ANEXOS I

Kilma farias



Joline Andrade



ANEXO II

Ana Clara e Kilma Farias - 2016



Zambak Cia de Dança Tribal - 2016



ANEXO III

Nomes* das (os) alunas (os) do Projeto de Extensão 2016.1:

ANA TOLEDO

ANTONIELLE FERREIRA

CLECI NASCIMENTO

CAMILLE CÂNDIDO

CÉSAR MULLER

CLAUDIANA ALVES

ÉRICKA OLIVEIRA

ELIS REGINA

FABIANE MARIA

GEANNE CARDOSO

GILVANEIDE MIRANDA

GLENDIA CARDOSO

JANAÍNA SANTOS

JULIANA BARRETO

KARINA SADALA

KARLLEANE LIMA

LEDA MARIOT

LEILA SAMIRA

LEONORA MARIA

LUANA CHAGAS

LUCIANA CARVALHO

MARIA CLARA

MARIA JOSÉ DIAS

NADIR NÓBREGA

NÁJILA MELLO

NEDJA BARROS

NICOLLE FREIRE

SANDRA GAMA

SOLEDAD ANABEL

TATIANA PEREIRA

*NOMES DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA

REFERÊNCIAS

www.arteeuropeiadevanguardia.blogspot

www.paraibacriativa.com.br/artista/kilma-farias

www.jolineandrade.com.br

www.personare.com.br

www.fisioterapiamanual.com.br

www.tribalizando.com.br

ANEXO A

1. Jamila Salimpour – Grupo Bal Anat - Jamila Salimpour, Suhaila Salimpour e sua filha.



Fonte: <https://www.anildanza.com/jamila-salimpour/jamila-salimpour-bal-anat>. Acesso em 28 set. 2023.

Fonte: <http://www.rachelbellydance.com/salimpour-school/>. Acesso em: 28 set. 2023.

2. Joline Andrade

3. Kilma Farias



2.Fonte:<https://www.jolineandrade.com/formacao>

3.Fonte:<https://informaparaiba.com.br/2022/04/12/caravana-interatos-chega-a-pedras-de-fogo-com-oficina-e-espetaculo-de-danca/> acesso em 04/10/2023 – 15:57 h.

4. Aula Pública - Turma do Projeto de extensão (2015).



5. Elis Regina e alunas do Projeto de Extensão Poética da Dança Tribal



Fonte: Arquivo da autora (2017).

6. Cartaz e foto referentes ao 1º Encontro de Dança Tribal – ETA/UFAL - 2016



Fonte: Arquivo pessoal (2016)

7. Ana Clara Oliveira e Kilma Farias -



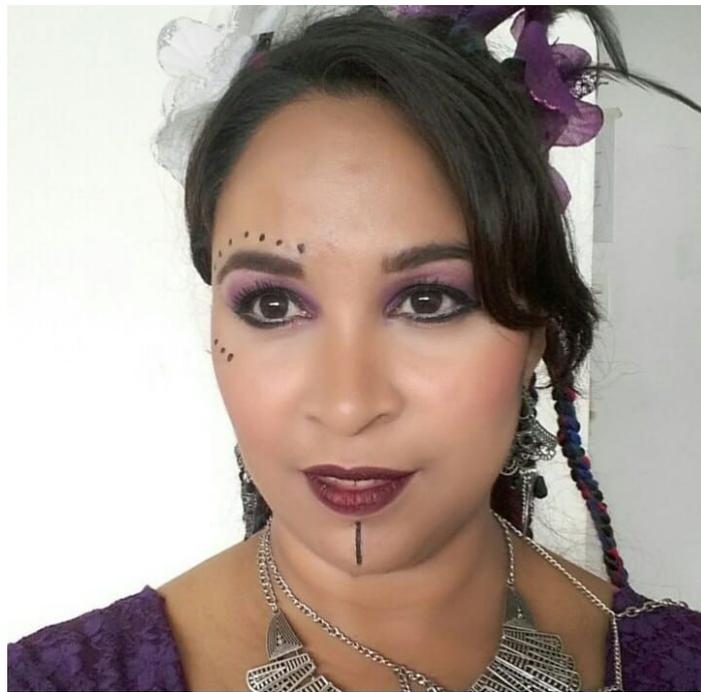
Fonte: arquivo pessoal.

8. Cartazes referentes aos II e III Encontros de Dança Tribal – ETA/UFAL



Fonte: Arquivo pessoal.

10. Elis Regina Santos Moura Epifânio



Fonte: Arquivo pessoal